

LABORE  
Laboratório de Estudos Contemporâneos  
POLÊMICA  
Revista Eletrônica

---

## O PRÉ-FIGURATIVO NUMA CONCEPÇÃO GENEALÓGICA<sup>1</sup>

**PEDRO DE ALBUQUERQUE ARAUJO**

*Nascido em 1976, no Rio de Janeiro, é graduado em Educação Artística, Licenciatura Habilidade Música, pela Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO) - 2005. Mestre em Educação, Cultura e Comunicação em Periferias Urbanas da Faculdade de Educação da Baixada Fluminense (FEBF) da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) e foi Bolsista pela CAPES. Áreas de interesse e trabalho: Formação musical do músico, Criação artística, Características filosóficas da Educação.*

<http://www.myspace.com/pedroalbu>

**Resumo:** O presente artigo trata de como Hans-Joachim Koellreutter através da sua posição estrangeira e *outro modo* de pensar a educação, a estética e o afeto, pode desenvolver um método de ensino musical que potencializasse a relação professor/aluno. A partir dos *signos que nos forçam a pensar* a existência do *outro*, esta relação sempre acontecerá numa diferenciação entre *sentido e valor*, na perspectiva da Genealogia nietzscheana.

**Palavras-chave:** Pré-figurativo, Outro, Deleuze, Koellreutter, Nietzsche.

### THE PRE-FIGURATIVE IN A GENEALOGICAL CONCEPTION

**Abstract:** This article discusses how Hans-Joachim Koellreutter through his position as a foreigner and his other ways of thinking education, aesthetics and affections, can develop a method of musical education that potentiates the teacher/student relationship. From the signs that force us to think the existence of the other, this relationship will always happen in a distinction between meaning and value from the perspective of Nietzsche's Genealogy.

**Keywords:** Pre-figurative, Other, Deleuze, Koellreutter, Nietzsche.

Hans-Joachim Koellreutter (1915-2005) veio da Europa para o Brasil, em 1937, como *emigrante político*. Isso faz do flautista, compositor e professor, além de um emigrante-errante – o que já lhe dá um olhar estrangeiro de *fora*, do *outro* – lhe traz a política como ponto de articulação. E não só uma política partidária, mas uma política que passa pela estética, pela educação e pelo afeto. Por outra maneira de pensar a educação, por

---

<sup>1</sup> Este artigo foi uma comunicação apresentada no Encontro Internacional de Musica e Arte Sonora 2010, no Instituto de Artes e Design da Universidade Federal de Juiz de Fora (MG).



Universidade do Estado do Rio de Janeiro

[laboreuerj@yahoo.com.br](mailto:laboreuerj@yahoo.com.br)

[www.polemica.uerj.br](http://www.polemica.uerj.br)

LABORE  
Laboratório de Estudos Contemporâneos  
POLÊMICA  
Revista Eletrônica

---

outro paradigma estético e por outras perspectivas afetivas. Logo, por uma educação-estético-afetiva, que se abre para o *ato criativo* como potencial de multiplicidade.

Ao chegar ao país avalia que o modelo de educação musical aqui empregado – de Liddy e Francisco Mignone, no *Conservatório Brasileiro de Música*, e o de Antônio de Sá Pereira, na *Escola Nacional de Música*<sup>[1]</sup> – é “interessante como ponto de partida, mas não suficientemente criativo para um país como o Brasil” (Koellreutter, 1997d, p. 132). Koellreutter, portanto, traça uma ação metódica e afetiva de educação, musical e não-musical, no sentido mais amplo que esse termo pode ter. A partir das condições sócio-culturais do país, considera a aceitação da diversidade ética, étnica e de credo, ao modo de valorizar os indivíduos face à humanidade que representam, respeitando de maneira ética os músicos e os não músicos, enquanto cidadãos. Ele busca, com isso, uma proposta de ensino que problematize cada caso em particular, tirando disto um trabalho de constante aprimoramento do potencial humano, com o intuito de contribuir de maneira efetiva para a ampliação dos conceitos de coletividade, de política e de arte, em relação ao que chamamos *socius*.

O tema desse trabalho é exatamente o *outro* ou os signos que nos *forçam a pensar* a existência do outro por um devir *sonoro-musical*, isto é, visto de uma maneira ampla, não é preciso produzir sons para se ter uma relação *sonoro-musical*. O que nos interessa é o *movimento vibratório* característica intrínseca das misturas, das composições, das mesclas, que encontramos nas cores, nas temperaturas, nos sons, nos ritmos, no que chamamos de *timbragem*. Isso é o que consiste, na nossa acepção, o *método de ensino musical pré-figurativo*.

O método de ensino musical *pré-figurativo* é aqui compreendido como um signo transformador e nesse caso, é visto como a explosão de *linhas múltiplas* na relação dualista sujeito/objeto. Fazendo com que esta relação dual passe a não existir. O *pré-figurativo* é



Universidade do Estado do Rio de Janeiro

[laboreuerj@yahoo.com.br](mailto:laboreuerj@yahoo.com.br)

[www.polemica.uerj.br](http://www.polemica.uerj.br)

LABORE  
Laboratório de Estudos Contemporâneos  
POLÊMICA  
Revista Eletrônica

---

também percebido como um signo que *força o pensar* e não a causa de um pensamento. Pois há uma diferença sutil entre o que *força* e o que *causa*.

O que *força* está intimamente ligado a uma concepção *genealógica* (no sentido nietzscheano) em que uma força externa provoca algo do/no pensamento. Tomado por uma *força* o movimento no pensamento se torna para *aquela direção*, não deixando alternativa a não ser pensar *aquilo* que lhe foi engendrado.

Já o que *causa* um pensamento está mais próximo da relação de *causa e efeito*, no sentido aristotélico do termo. Tal *relação* se encontra no âmbito do *conhecer para conhecer as causas*, sendo através do hilemorfismo, estudo relacional por excelência, da *matéria informada* ou da *forma materializada*, que se chega à especificação causal procurada.

A filosofia dos valores, para ser crítica e criadora, surge nesse momento com dois movimentos claros e inseparáveis: referir todas as coisas e toda origem de alguma coisa a valores; mas também tornar isso um valor de algo que seja sua origem e que dinamize o seu próprio valor<sup>[2]</sup>. No sentido da genealogia nós nos colocamos ao mesmo tempo contra a idéia de *fundamento*, que admite os valores como indiferentes à sua própria origem, e também contra a idéia de uma *relação causal* que se opõe na origem a uma indiferença dos valores. A genealogia enquanto tal quer afirmar ao mesmo tempo valor da origem e origem dos valores.

Nietzsche cria com isso uma nova genealogia, um novo conceito de genealogia. O filósofo agora é o genealogista, não à maneira de Kant de um juiz ou de um tribunal. O filósofo agora é Hesíodo, um aedo, um músico-poeta, e porque não dizer, então, que a filosofia ou o filosofar nietzscheano se trilha pelos *impulsos dionisíacos*. Nietzsche faz a inversão da *universalidade* kantiana pelo sentido da diferença ou o elemento diferencial da distância. Mas é no sentido de distância que se possui a prerrogativa de *criar valor*<sup>[3]</sup> ou de determiná-los, sem que para isso nos importe a utilidade dos mesmos.



Universidade do Estado do Rio de Janeiro

[laboreuerj@yahoo.com.br](mailto:laboreuerj@yahoo.com.br)

[www.polemica.uerj.br](http://www.polemica.uerj.br)

LABORE  
Laboratório de Estudos Contemporâneos  
POLÊMICA  
Revista Eletrônica

---

O que a filosofia de caráter genealógico traz além da oposição sistemática a forma absoluta dos valores e a sua maneira utilitária, é que a genealogia pode significar um elemento diferencial dos valores no qual este próprio valor se produz. Isto quer dizer, então, *origem ou nascimento*, mas também fazer a diferença ou produzir uma separação dessa *origem*.

Portanto, o método de ensino musical *pré-figurativo* visto como um *signo que força o pensar* pode ser considerado um *meta-signo*, um signo de transformação. Pois ele se coloca *para além* das preposições linguísticas e da linguagem musical. A força que *força o pensar* é contingente e criativa, pois, exige um trabalho com *velocidades e lentidões*, que já não são suas e exatamente por isso geram deslocamentos, produzindo *linhas de fuga*, a partir de uma *escuta inconsciente*.

A idéia da *escuta inconsciente* não está nem no sujeito nem no objeto, está no signo, no *meta-signo pré-figurativo* que toca tanto um quanto o outro. Porque o *meta-signo* se auto-produz, no sentido de *afetar e ser afetado*, da mesma maneira que uma experiência estética. O *afeto* (no sentido de uma experiência estética) não se dá na consciência, mas em um modo de *inconsciência* que também não é físico nem mental, porém ao mesmo tempo, é físico e mental.

Como no conto de Franz Kafka, *A grande muralha da China*, em que os *nômades* se instalam na praça central de Pequim e fazem do Imperador um prisioneiro em seu próprio palácio. Assim o modo *nômade* de agir é como o *meta-signo pré-figurativo*, porque produz e traz à *crítica* e à *criação* (no sentido genealógico dos termos) sobre o que ocorre na música, nas artes, na filosofia, nas línguas, na política através do modo *sonoro-musical*.

O *nômade* (relativo à qualidade *nômade*) age por variações das leis, dos costumes, dos desejos, imprimindo à capital, ao centro, suas estranhezas, suas esquisitices. Suas bocas são escancaradas e seus dentes afiados, eles falam como gralhas e numa língua incompreensível, eles comem a carne crua enquanto afiam suas facas.



Universidade do Estado do Rio de Janeiro  
[laboreuerj@yahoo.com.br](mailto:laboreuerj@yahoo.com.br)  
[www.polemica.uerj.br](http://www.polemica.uerj.br)

LABORE  
Laboratório de Estudos Contemporâneos  
POLÊMICA  
Revista Eletrônica

---

Talvez por isso que o *meta-signo pré-figurativo* seja tão atravessado por essa qualidade *nômade*. Pois o *meta-signo* está sempre dentro e fora, da cultura, da linguagem, do território em que ocupa. Não entra em confronto direto com o que recusa, não aceita a dialética como forma de oposição, mas ao contrário se afirma na diferença. Quanto mais submetido ao campo do adversário, mais deslizante, mais escorregadio, mais se exclui no jogo ou subverte-lhe o sentido, desterritorializa-o. O *nômade* (no sentido da qualidade), assim como o *meta-signo pré-figurativo*, é um desterritorializador por excelência, uma potência desterritorializante, aquele que faz da desterritorialização o seu território.

Os métodos considerados tradicionais no ensino musical costumam responder pelas perguntas do tipo *o que é?* Contudo, Koellreutter nos diz que: quando o ato da ação metodológica se torna somente um ato de *responder perguntas*, e não *criar problemas* ou *problematizar as questões* já postas, este método está falho na sua concepção por não envolver a idéia de movimento ou de devir em sua gênese. Esse modo de proceder rebate apenas uma parte do *problema* a ser colocado, que Koellreutter o denomina de *conhecimentos musicais sedimentados*. Mas existe outra parte ou outras *problemáticas* que não podem ser ignoradas. Elas surgem a partir das questões, *como se transmitem* tais conhecimentos e *como* tais conhecimentos se relacionam.

Com isso vemos por que é um equívoco, para nós, questionar o *meta-signo pré-figurativo* perguntando pelo *o que ele é?* Porque o que nos interessa pesquisar está na relação *professor/aluno*, na qual o *meta-signo* modifica, metamorfoseia, assim sendo, a maneira pela qual podemos atingir esta questão é perguntando *como ele opera?*

Mas para que se sofra uma transformação ou transdução<sup>[4]</sup> na acepção do *meta-signo pré-figurativo*, é preciso que, na relação professor/aluno, se atenda por uma disponibilidade *inconsciente* que age e se correlaciona a partir de uma *força* externa ao pensamento tanto do professor quanto do aluno. Essas *forças* concentram-se nos *materiais*, mas não é como a simples relação de *forma* e *matéria*, em que a *forma* (idéia ou espírito), vem de encontro e



Universidade do Estado do Rio de Janeiro

[laboreuerj@yahoo.com.br](mailto:laboreuerj@yahoo.com.br)

[www.polemica.uerj.br](http://www.polemica.uerj.br)

LABORE  
Laboratório de Estudos Contemporâneos  
POLÊMICA  
Revista Eletrônica

forma uma sobre uma *matéria disforme* através de um modo *eficiente* o que nos dá uma *causa final*<sup>[5]</sup>. Nesse outro tipo de conexão, mais complexa, de *linhas heterogêneas* e assimétricas, imbrica-se o material elaborado às *forças imperceptíveis*, tornando-se perceptíveis por meio dos materiais e das intensidades. Por isso que chamamos de *signos que forçam o pensar*, por serem *elementos intensos* que trazem consigo essa característica *perceptiva da vibração intrínseca*; porque tornam a partir do sutil movimento do devir, forçando a passagem, do imperceptível em direção ao perceptível. Eis aqui alguns exemplos de tais *signos* na música: os acordes dissonantes, os compassos ímpares, as polirritmias, os politonalismos, os microtonalismos, além de outros materiais que também não fogem ao sistema maior/menor da música tonal.

Apesar dos exemplos dados ainda se colocarem dentro dos limites do tonalismo, eles podem ser a maneira mais gutural (no sentido de que é através destes *signos* que forçamos o pensamento, o conhecimento) de se aproximar das regiões onde essa *fronteira*<sup>[6]</sup> exista como um *liame sonoro-musical*. Pois podemos conceber, durante uma aula de música, que o simples fato de se executar um compasso ímpar ou um acorde dissonante seja capaz de produzir essa passagem, esse caminho (*do imperceptível para o perceptível*), e é exatamente no caminhar percorrido pelo caminhante que definiremos o momento como *ato de criação*. O ato criativo é um pensamento que é incitado por um *signo externo*, e que chega a máxima potencialidade à *maneira de um turbilhão*, girando cada vez mais rápido (isso é um *turbilhão*).

A maneira como é concebido, como um modo de formação e transformação de músicos através da música, assim, o *meta-signo pré-figurativo*, sempre com a perspectiva de uma prática diária do professor e do aluno, para além da comunicação dos *conhecimentos musicais sedimentados*, tem como propósito a estimulação do *devir-entre-dois* que não forma par, no ziguezaguear de *linhas heterogêneas*, pelo questionar, pelo pensar, para se produzir conexões com o meio social em que se encontram, à *maneira de*



Universidade do Estado do Rio de Janeiro

[laboreuerj@yahoo.com.br](mailto:laboreuerj@yahoo.com.br)

[www.polemica.uerj.br](http://www.polemica.uerj.br)

LABORE  
Laboratório de Estudos Contemporâneos  
POLÊMICA  
Revista Eletrônica

---

*um turbilhão*. Como diz Koellreutter: educar para e/ou pela música é tão fascinante pelo o fato de poder descobrir e desenvolver nosso potencial de *escuta* do outro e de nós mesmos.

Contudo o *meta-signo pré-figurativo* não propõe uma ruptura total com os modos já tradicionais de ensino de música o que Koellreutter faz é uma conexão dos *métodos* existentes, ao ampliar os horizontes, ao acoplar materiais e, principalmente, ao vislumbrar o futuro, estabelecendo uma *conversa* constante e uma *crítica* permanente com seu objeto de estudo. Mas “seguir não é o mesmo que reproduzir” (Deleuze & Guattari, 1997, p. 39), como no *método cartográfico* no qual Deleuze e Guattari se propõem a fazer em **Mil Platôs** (Introdução: Rizoma, 1995), o modelo que se segue é a continuação do existente, como um mapa aberto, sujeito a modificações constantes, podendo este ser conectável em todas as suas dimensões.

Aqui tomamos o método de pesquisa como o *método cartográfico*, onde somos totalmente atravessados, imbricados no ato de *fazer pesquisar*. Isso faz com que a cartografia como metodologia traga o envolvimento do pesquisador no resultado direto da pesquisa acadêmica ao modo de uma obra de arte, de um timbre, de uma cor, de uma poesia. A *cartografia* como método consiste não só em se seguir o movimento iniciado, mas também em prosseguir numa direção em que esse movimento seja *valorizado*, se destacando, e faça *sentido*, se conectando, num fluxo contínuo e comunicante.

A música, como fenômeno *sonoro-musical*, numa concepção *genealógica* e *pré-figurativa*, é pura potência, onde se afirma como crítica e no mesmo sentido, criadora. A *crítica criativa*, portanto, expressa a ação de um modo ativo. Não é a vingança, é uma investida, é uma visada, é uma estocada positiva da vida. Porém é, também, uma eterna destruição e re-construção de modo simultâneo. Só assim podemos compreender a *crítica criativa*, através de sua dinâmica violenta, como uma explosão em múltiplas *linhas de fuga* que não são capturáveis.



Universidade do Estado do Rio de Janeiro  
[laboreuerj@yahoo.com.br](mailto:laboreuerj@yahoo.com.br)  
[www.polemica.uerj.br](http://www.polemica.uerj.br)

LABORE  
Laboratório de Estudos Contemporâneos  
POLÊMICA  
Revista Eletrônica

---

\*\*\*\*\*

[1] Atual Escola de Música da UFRJ.

[2] Reconhecemos aqui uma dupla tarefa em Nietzsche. Contra aqueles que subtraem os valores à crítica, contentando-se em inventariar os valores existentes ou em criticar as coisas em nome de valores estabelecidos: os "operários da filosofia", Kant e Schopenhauer. Mas também contra aqueles que criticam ou respeitam os valores fazendo-os derivar de simples fatos, de pretensos fatos objetivos: os utilitaristas, os *eruditos*. Nos dois casos a filosofia flutua no elemento *indiferente* daquilo que vale em si ou daquilo que vale para todos (Deleuze, 1976 (1962), Nietzsche e a filosofia, 1,1).

[3] Deleuze afirma, ao longo de toda sua obra, que uma filosofia válida para ele é uma filosofia que cria conceitos, como uma *politonalidade*, ou melhor, como uma *timbragem*, uma mistura que se produz no sentido de uma obra de arte.

[4] O termo *transdução* descreve a *transformação de um tipo de energia em outro*; assim, um microfone é um dispositivo que transduz energia sonora (a energia transportada pelas ondas de pressão que constituem os sons) em energia elétrica, ao passo que um alto-falante opera a transdução inversa.

[5] Para Aristóteles seriam quatro espécies de causas: Formal (modelo, qualidade essencial e de gêneros da coisa), Eficiente (no sentido de finalidade, de objetivo, da mesma maneira que um martelo é em relação a uma pedra de mármore), Material (daquilo que a coisa é feita, constituinte do produto, como o bronze é da estátua) e Final (de onde se originam o movimento e o repouso; no domínio da conduta é o ato, no domínio da natureza é a "criança já nascida" e em termos gerais é o que motiva mudanças à coisa).

[6] Entendemos por *fronteira* o que Edmund Leach concebe por um "sistema aberto", em que, são os resultados dos dinamismos variáveis, tanto no interior como no exterior dos sistemas. As fronteiras dos sistemas abertos, de que os organismos vivos são um exemplo, derivam do caráter convencional descritivo, não correspondendo, assim, as discontinuidades básicas dos sistemas (Leach, 1985, p. 16).

### Referências Bibliográficas

DELEUZE, GILLES. (1976) *Nietzsche e a Filosofia*, Ed. Rio, Rio de Janeiro, Primeira edição brasileira, Tradução: Ruth J. Dias e Edmundo Dias,(1962 edição original).



Universidade do Estado do Rio de Janeiro

[laboreuerj@yahoo.com.br](mailto:laboreuerj@yahoo.com.br)

[www.polemica.uerj.br](http://www.polemica.uerj.br)

LABORE  
Laboratório de Estudos Contemporâneos  
POLÊMICA  
Revista Eletrônica

---

---

**Deleuze, Gilles. e Guattari, Felix.** (1995) *Mil Platôs – Capitalismo e Esquizofrenia*. Editora: 34, Rio de Janeiro, Vol. 1. Tradução de Aurélio Guerra Neto e Célia Pinto Costa., “Introdução: Rizoma”, pp. 11-37.

\_\_\_\_\_ (1997) *Mil Platôs – Capitalismo e Esquizofrenia*. Editora: 34, Rio de Janeiro, Vol. 5 Tradução: Peter Pál Pelbart e Janice Caiafa.

**Leach, Edmund.** (1985) *Anthropos in Enaudí – Enciclopédia, Edição Portuguesa*, Imprensa Nacional – Casa da Moeda.

**Koellreutter, H. J.** (1997) *Encontro com H. J. Koellreutter*. Atravez/EMUFGM/FEA/FAPEMIG, Belo Horizonte, Cadernos de Estudo: Educação Musical, nº 6, p.131-144.

**Pelbart, Pál Peter.** (2006) *Exclusão e biopotência no coração do Império*,

<http://www.cultura.gov.br/site/2006/11/15/biopolitica-e-biopotencia-no-coracao-do-imperio-por-peter-pal-pelbart/H>.

**Simondon, Gilbert.** (1964) *Excertos da Introdução de “L’Individu et sa Genèse Physico-Biologique”*, PUF, Paris, Editora: Universidade Livre (UFRJ), Tradução: Luiz Alberto Oliveira.

**Zourabichvili, François.** (2004) *O vocabulário de Deleuze* Editora: Relume Dumará, Rio de Janeiro, Tradução André Telles.

\*\*\*\*

Recebido em 09/06/2011

Aceito em 15/06/2011



Universidade do Estado do Rio de Janeiro

[laboreuerj@yahoo.com.br](mailto:laboreuerj@yahoo.com.br)

[www.polemica.uerj.br](http://www.polemica.uerj.br)